

Trump dará adeus à Casa Branca com rastro de caos e contas a resolver no futuro

Presidente, que deixa país dividido, aguarda decisão que pode impedi-lo de tentar voltar à Presidência

Entrevista com Sergio Amaral

16/01/2021, Folha de S.Paulo

A Presidência mais conturbada dos EUA em décadas chega ao fim ao meio-dia (14h de Brasília) da próxima quarta-feira (20). Mas Donald Trump seguirá tentando chamar a atenção para se manter em destaque na política americana, na direção contrária do que fizeram outros ex-presidentes do país.

Trump foi um dos líderes mais agressivos —e talvez o mais antidemocrático— a ocupar a Casa Branca. Ele, que sempre buscou o confronto em vez da conciliação, estava perto de entregar um país já dividido e duramente atingido pela pandemia. Mas seu legado ganhou uma mancha ainda maior em seus últimos dias no cargo, ao estimular uma insurreição contra o Congresso.

Como resultado, Trump foi banido de redes sociais e teve o segundo processo de impeachment aprovado na Câmara dos Deputados —agora, com o apoio de dez republicanos, um sinal de que o partido está rachado. Por outro lado, 197 correligionários votaram contra a ação, e muitos deles fizeram discursos fervorosos em defesa do presidente.

A decisão sobre afastá-lo e, mais importante, fazer com que perca direitos políticos, tirando a possibilidade de que concorra outra vez à Presidência, caberá, mais do que ao Senado, ao Partido Republicano. São necessários 67 votos para condenar Trump, e os democratas terão apenas 50 quando o processo for julgado na Casa.

“A principal questão é saber como o Partido Republicano resolverá suas disputas internas. Se o establishment vai se impor, ou se a legenda continuará dependente do trumpismo”, avalia Sérgio Amaral, ex-embaixador do Brasil em Washington (2016-2019) e pesquisador do Cebri (Centro Brasileiro de Relações Internacionais).

Trump conseguiu manter sua aprovação relativamente estável ao longo do governo, oscilando em torno de 40%, com uma mistura de estratégias novas e antigas. De um lado, buscou cumprir promessas de campanha, como restringir a imigração, criar empregos e defender pautas conservadoras —o maior acesso ao porte de armas e a proibição do aborto, por exemplo.

De outro, manteve um clima de tensão constante, com rivais sendo colocados como inimigos mortais, além de negar os riscos do aquecimento global e da pandemia de coronavírus, muitas vezes com base em mentiras e teorias estapafúrdias.

Após a invasão do Capitólio, o presidente viu essa taxa de aprovação desmoronar. De acordo com pesquisa conduzida pela agência de notícias Reuters com a Ipsos, a cifra foi a 34% —o menor valor desde o fim de 2017. O monitoramento do site especializado FiveThirtyEight indica que essa foi não apenas a maior queda no índice desde o começo do mandato, mas uma amostra de que a erosão passou a acontecer entre eleitores republicanos.

Assim, o soneto final na Casa Branca contraria a tática de Trump de se apresentar como infalível a seus seguidores. Ato contínuo, a estratégia consistia em mostrar que quem o seguisse também poderia

aproveitar desse sucesso, apontou a escritora Anne Applebaum em artigo na revista The Atlantic. “Os trumpistas não querem democracia, prosperidade, liberdade ou igualdade, mas a fantasia de vitória sem fim.”

Os resultados são dúbios: Trump levou os republicanos a perderem o controle da Câmara e do Senado e foi derrotado na eleição, ainda que tenha sido capaz de catalisar 74 milhões de votos, a segunda maior marca em um pleito presidencial na história dos Estados Unidos, mostrando força para manter uma base engajada.

“Ele estabeleceu um canal de comunicação com uma massa de eleitores que não costumava ser diretamente acionada pelo Partido Republicano. Aquela população que, de alguma forma, reconheceu-se como a que mais sofreu os custos da globalização, sem contrapartida alguma, tem esperanças de que Trump ainda possa ser a solução”, afirma Neusa Bojikian, pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os EUA.

Assim, muitos republicanos temem perder votos ao confrontar Trump. Por outro lado, defender suas ações é cada vez mais difícil, à medida que elas colocam a própria democracia americana em risco.

“Nos Estados Unidos, quando um presidente perde a reeleição, a dinâmica dos partidos faz com que novas lideranças surjam rapidamente. O líder derrotado nas urnas fica com um selo de perdedor”, diz Leandro Consentino, professor de ciência política do Insper. “Mas Trump tenta mudar isso ao criar a narrativa de que é bom e que só perdeu porque houve fraude.”

Personalista, o presidente não estimulou o surgimento de sucessores e até brigou com nomes que o ajudaram na vitória de 2016, como o estrategista Steve Bannon. mesmo assim, pipocam alguns candidatos a tentar representar seu legado: o senador Ted Cruz, do Texas, e o secretário de Estado Mike Pompeo, além de familiares, como o genro Jared Kushner, que se envolveu em negociações de política externa, e os filhos Ivanka e Donald Jr.

Para se manter em evidência depois de deixar o cargo, Trump terá de superar mais obstáculos. Primeiro, precisa achar uma nova forma de falar diretamente a milhões de pessoas. Ele foi banido do Twitter, seu principal meio de comunicação, e, por ora, depende da imprensa para levar suas mensagens a grandes audiências. Por ironia, durante todo o governo tratou jornalistas como inimigos, com diversas ofensas públicas.

Convencer milhões de pessoas a segui-lo em plataformas que não costumam acessar no dia a dia será tarefa complexa. E redes sociais que não moderem discursos de ódio podem ficar sem acesso a servidores, como ocorreu com o Parler.

Trump também é visto como um ícone do populismo de direita que ganhou força nos últimos anos em lugares como Brasil, Itália e Hungria. Especialistas, no entanto, apontam que o republicano tem poucos caminhos para se beneficiar disso, já que “vários líderes se distanciaram dele depois da invasão ao Congresso”, avalia o embaixador Sérgio Amaral. “O ataque foi muito mal recebido, especialmente em países europeus.”

“Os chefes de Estado de direita em outros países precisarão estar dispostos a sacrificar uma boa relação com Biden para seguirem próximos de Trump”, analisa Roberto Moll, professor de história da América na Universidade Federal Fluminense.

Trump já disse que não irá à posse de Biden, na quarta-feira. Segundo o New York Times, ele deverá partir da Casa Branca ao som de uma banda militar, com um tapete vermelho estendido. Há a possibilidade de que faça um discurso de despedida em um comício na Flórida. Se o evento ocorrer, será o primeiro teste de popularidade dele fora do cargo.

Há também alertas de que apoiadores de Trump planejam atos violentos no dia da posse, que terá forte presença de militares, para tentar evitar que cenas como a do começo do mês se repitam.

“Esta cena política tumultuada deve permanecer por algum tempo, porque ela reflete conflitos da sociedade que estavam dormentes. O estilo abrasivo de Trump, de radicalizar tudo, reacendeu problemas antigos, como a questão racial e a desigualdade”, avalia Amaral. “E o governo Biden terá de lidar com estas questões polêmicas, que prometeu resolver.”

Essa entrevista foi publicada originalmente em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/trump-dara-adeus-a-casa-branca-com-rastro-de-caos-e-contas-a-resolver-no-futuro.shtml>